

JOÃO AUGUSTO BASTOS

O ÚNICO NECESSÁRIO



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**O ÚNICO
NECESSÁRIO**

JOÃO AUGUSTO BASTOS

O ÚNICO
NECESSÁRIO

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© João Augusto Bastos

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Antonio Tocha Teixeira
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – março de 2023

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bastos, João Augusto
O único necessário / João Augusto Bastos. -- São Paulo :
Recanto das Letras, 2023.
158 p.

ISBN: 978-85-7142-153-0

1. Deus 2. Espiritualidade I. Título

23-0702

CDD 200

Índices para catálogo sistemático:

1. Deus - Espiritualidade

*Àqueles que conservam a chama da Fé em Deus sempre acesa
e aos que não desistem de acreditar no ser humano.*

O autor

PREFÁCIO

O ÚNICO NECESSÁRIO discorre sobre a busca do ser humano em sua totalidade transcendental e imanente. Impulsiona o leitor ao mergulho nas águas profundas da própria história, no contexto em que se situa, buscando fortalecer a consciência pela aliança com o Absoluto. Essa proposição suscita a importância da vivência dos valores essenciais, no transcurso da existência humana.

As recentes transformações e os eventos ameaçadores enfrentados pelo planeta na segunda década deste século têm abalado, sobremaneira, as convicções e esperanças da comunidade humana. Esses cenários têm provocado o enfraquecimento das estruturas internas e externas dos indivíduos, resultando em um mundo fragmentado e intimidado pela destruição de vidas, de projetos, caminhos e quereres.

Na conjuntura dessa ambiguidade, muitos rumos são buscados no “Deus Consumo”, que aliena e empobrece a psique humana. Infunde, nessa perspectiva, o esvaziamento de concepções e princípios éticos por ritos efêmeros desvirtuados de assertivas dignas e conquistas interiores. Nesse desafio, buscam-se premissas sobre as quais a alma indagadora exclama como resposta.

Esse itinerário existencial vivido pelo avesso, à beira do abismo das necessidades fundamentais inerentes ao ser, também pode

representar um grito de socorro para a retomada de valores plenos, em sua concepção dialética.

Reconhecidos cientistas, como Teilhard de Chardin, um dos grandes gênios do século XX, têm prestado valiosas contribuições no estudo do mecanismo evolutivo da condição humana. Pensando na perfeita interação entre o Cosmos – que se abriga em Deus – e o Universo, ele propõe uma visão integradora entre ciência e tecnologia, legando uma filosofia que reconcilia a ciência do mundo material com as forças sagradas do Divino.

Prevê, em seus estudos e pesquisas, a “amorização” do planeta, experiência definitiva na era atual, a ser vivenciada pela humanidade em seu todo e numa só direção. Os aprendizados vividos e suas consequências compõem a procura lúcida da Revelação sustentada pelo amor e pela fé, garantidos na Boa Nova do Evangelho.

Essa busca pessoal e cósmica, segundo o autor João Augusto Bastos, se sustenta na pedagogia da “simplicidade e harmonia pacificadora”, tão reais como seu testemunho de vida encarnada. Era notória a sua prática de vida baseada nos nesses preceitos.

Seu testemunho, seguro com serena desenvoltura nos diálogos plenos de sabedoria e erudição, atingiam o ânimo dos corações sedentos de algo novo e promissor que preenchesse a busca do viver, naquele tempo de inesquecível aprimoramento.

Comungava-se a partilha da reflexão pela fé, pelo despojamento, pela solicitude e pelo entendimento mútuo, que fortaleceram suas raízes na continuidade dessa experiência por outros mundos.

Evangelho é vida. A vivência cristã é sinal que garante o encontro permanente e definitivo com os dons do Espírito, que habitam em cada coração e em cada centelha da existência. “O Reino de Deus está dentro de vós”.

A vida de Jesus se renova incessantemente no Universo, aqui e agora, que, pelo Seu Amor e Misericórdia, faz novas todas as coisas, na irradiação da bondade e bem-aventurança. Ele reconhece cada um pelo nome com sua e única e incomparável história no caminho da fé, da igualdade, da justiça e da fraternidade.

Seu rosto se espelha nos olhos daqueles que veem e creem, mesmo atingidos no contexto da “desilusão, face às utopias e fracassos de muitas esperanças”, como confere o autor. Ou mesmo na negação desses dons, que podem representar de forma inconsciente a fome de encontrá-Lo.

Em sua mensagem reveladora de perenidade do Seu Santo Espírito, em qualquer tempo, lugar e circunstância, o Deus Vivo se revela para todos como:

O ÚNICO E NECESSÁRIO!

**“Fizeste-nos para Ti e inquieto está o nosso coração
enquanto não repousa em Ti”.**

Geovana de Oliveira Lima
Aracaju, 18 de junho de 2022

SUMÁRIO

Introdução	17
A sedução pelo Sagrado e a sociedade pós-moderna	22
A verdadeira busca	25
O ser humano renovado	29
A nova inteligência	32
A dialética da existência	34
O essencial	39
Plenitude e caminho	40
Humano imperfeito	41
Humano libertador	42
Riscos da institucionalização	43
Organização e organismo	44
Centro de gravidade	45
Modernidade sem raízes	46
Uno na complexidade	47
Fragilidade e luta	48

Construção da simplicidade	49
Descoberta do centro	50
Fuga mundi	51
Presença no mundo	52
O único	53
Não se mutilar	54
Construir e transformar	55
Unidade comunicativa	56
Evolução do universo	57
Uma só peça	58
Deus – simples e perfeito	59
Complexidade e unidade	60
Oh! Simplicidade	61
Complexidade harmoniosa	62
Sede de simplicidade	63
Coração – centro de tudo	64
Simplicidade do coração	65
Gratuitamente	66
Aspiração e inspiração	67
Ser e ter	68
Outro olhar	69
Meios e fim	70
Não somos instrumentos	71
Contemplação	72
Mais que riqueza	73
Voz do espírito	74
Meditação	75

Silêncio sensível	76
Silêncio dos claustros	77
Pés fincados na terra	78
Entre o céu e a terra	79
Terra – vítima da voracidade	80
Caminhar	81
Não só de pão	82
Tempo e espaço	83
Efêmero	84
Angelismo irreal	85
Realidade múltipla	86
Profano e sagrado	87
Tempoeternidade	88
Tempo definitivo	89
Riscos da religião	90
Dimensão vertical	91
Futuro longínquo	92
Transfiguração	93
Descida da montanha	94
Paz e felicidade	95
A busca	96
Perfeição	97
Meu corpo	98
Mortificações nocivas	99
Somos nosso corpo	100
Sexo é sagrado	101
Sexualidade além do genital	102

Louvação ao tu	103
Grandiosidade da pessoa	104
Amizade	105
Amor e equilíbrio	106
Mais forte que a morte	107
Só Deus é santo	108
Onde mora a santidade?	109
Equilíbrio da santidade	110
No seu tempo e espaço	111
Secular unificador	112
Temporal definitivo	113
Divino secular	114
Salvação	115
Caminho da santidade	116
Arte do presente	117
Santidade no mundo	118
Fascinação pelo último	119
Beleza do transitório	120
Mutação	121
Ele e ela	122
Síntese	123
Sistema injusto	124
Deus vivo	125
Humano - simples	126
Dois mundos	127
Segredos	128
Derradeira experiência	129

Dinâmica do divino	130
Luz, leve e penetrante	131
Incansável e inacabado	132
Mergulhados nas conjunturas	133
Deus histórico	134
Suprema realidade	135
Vida da vida	136
Explosão da consciência	137
Pobres circunstâncias	138
Sentido maior	139
Além dos sentimentos	140
Caminhada da existência	141
Simplicidade do cotidiano	142
Puro acontecer	143
Não totalmente destruída	144
Navegar é preciso	145
Fugaz e eterno	146
Amor incansável	148
Milagre do encontro	149
Pessoa – tenda do amor	150
Nem pergunta nem resposta	151
Realidade íntima e última	152
Utopia e acontecimento	153
No deserto	154
Outro lado	156
Mais que o pensamento	157

INTRODUÇÃO

*FIZESTE-NOS PARA TI, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti.*¹

A experiência de Agostinho de Hipona (354–430) confunde-se com a do ser humano na busca pela presença de Deus: “mais íntima que a nossa própria intimidade”. Nossas misérias são superadas pela grandeza da misericórdia divina.

A história das religiões e a antropologia mostram claramente a procura do ser humano por um Ente Superior, Absoluto e Transcendente. As religiões indígenas, das mais primitivas às mais evoluídas, as ancestrais africanas, as indianas, representadas pelo hinduísmo e budismo, as de tradição chinesa, incluindo o taoísmo e o confucionismo, o zoroastrismo ou mazdeísmo dos antigos persas, bem como o islamismo, difundido em vários continentes, juntamente com o judaísmo e o cristianismo – todas essas formam cerca de dez mil credos no mundo.

Há, portanto, grande diversidade de religiões, mas elas também têm algo em comum: centram-se nos seres humanos e tentam oferecer respostas aos seus problemas.

A religião propõe a harmonia diante das grandes questões que envolvem o homem – de onde ele vem e para onde vai – e oferece

1. St. Agostinho de Hipona. Confissões, Livro I, Cap. 1, p. 15. São Paulo: Ed. Paulus, 22ª ed. 2010.

uma segurança, propondo dignidade, valor e autoconfiança. Sem dúvida, fortalece a vida social e as atividades comunitárias.

Na religião encontramos qualidades e defeitos. Por um lado, é totalitária, pois controla as atividades pessoais e sociais. Exerce o poder e faz aliança com os poderosos, tentando controlar até os pensamentos.

Isso se dá porque manter a unidade é fundamental e, consequentemente, é importante exercer a vigilância, evitar os separatistas e se for necessário, recorrer à repressão e ao poder.

Por outro lado, defende arduamente a identidade, não permitindo que outras invadam seu território. Infelizmente, comprovado pela história, a religião promove guerras, erros e injustiças.

Na verdade, o que constitui a religião? Ela estabelece a separação entre o sagrado e o profano, envolvendo palavras, pessoas, lugares, festas, objetos e gestos. Fora desse ambiente, tudo é profano.

Toda religião possui uma doutrina, um culto e uma organização. O culto procura estabelecer relações entre os entes invisíveis e os seres humanos. A organização busca o poder para manter a unidade e a coesão de seus participantes. A doutrina tenta manter a coesão de seus conteúdos, geralmente sob forma dogmática ou de preceitos morais.

Todas, aqui e acolá, por suas crenças, ritos, gestos, mitos, templos e culturas das mais diversas, durante séculos, vêm demonstrando inequivocamente, sob diversos nomes, a busca por um Deus.

“Qual sedento animal que suspira por água por Ti, Deus, anseia, suspira minh'alma! Do Amor divino tem sede o meu coração, quando então, de sua Face terei a visão?” (Sl 42).²

2. As citações dos Salmos e dos textos complementares são extraídas de *Diálogos com o amor: Com os salmos orar o hoje do mundo*, de Marcelo Barros (Belo Horizonte, Editora Senso, 2ª Edição, 2019).

Nosso desejo de intimidade com o Amor Divino é incansável no meio das turbulências e dificuldades do mundo em que vivemos.

“Tu me sondas e me penetras, ó Divino Amor. Se sento ou levanto, me vês e sabes tudo de mim. Meus pensamentos nem ainda chegam à mente e a todos bem conheces e no mais profundo presentes. De longe, já sabes o que, a cada dia, planejo. Meu repouso discernes logo e como será o despertar. Vês quando ando e se assim me detenho. Conheces, portanto, tudo o que é o meu caminhar” (Sl 139).

São Paulo exprime essa dimensão de diversas maneiras: “Oh abismo das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Quão inescrutáveis são os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos!” (Ro 11, 33).

“Experimento uma grande tensão dentro de mim: de um lado, o desejo de ir-me para estar com o Cristo, que é sem dúvida o melhor; do outro, a necessidade de que eu ainda permaneça entre vós.” (Fil 1, 23-24).

Trata-se da grande aventura da busca interior que acontece em nós, exilados de nós mesmos nesse mistério envolvente e existencial.

“Com tanto amor, com tanta emoção, a vida me fez assim. Doce ou atroz, manso ou feroz, caçador de mim” (Milton Nascimento).³

No meio das dificuldades e sofrimentos é preciso caminhar: “Nhanduti, nosso Pai antigo, Espírito da ventania que varre esses vastos pampas, olha com bondade os filhos da grande dispersão. Não deixa que nenhuma perseguição ou sofrimento nos desvie da contínua peregrinação em busca da terra sem males e do ‘teko-porâ’ (bem viver) de nosso povo. Eleva para Ti nossos pés, mas também nossos corações, e que não nos cansemos nunca de

3. In: Barros, Marcelo. P.109.

caminhar e nesse caminho Te reconhecamos presente conosco em cada passo”.⁴

Precisamos de tempo e espaço de intimidade conosco e com o Amor Divino para aprofundar nossas opções de vida e sermos mais coerentes com a nossa fé.

“Hoje, nada tenho para Te pedir, nem Te trago nenhuma queixa. Apenas busco um encontro, desde o infinito que pulsa em mim. Pobre de mim, se atasse Tua resposta à minha pergunta tão medida ou meu lamento tão ferido. Talvez só encontrasse para a minha sede, minha própria água reciclada, e eco do meu monótono dizer-me. Meu passado umedecido pelo suor ou pelo pranto. Preciso de Ti, mas além do que sei, ou do que digo de mim mesmo. Hoje, descubro já presente, o amor com que me atraís, a paixão com que me buscas”.⁵

A procura pelo essencial é, sem dúvida, uma dimensão constitutiva do ser humano. Ela deixa de lado a inércia da matéria e da mente cansada para encontrar o Absoluto pelas forças do Espírito. Trata-se de um processo pessoal e ao mesmo tempo cósmico tentando encontrar uma harmonia pacificadora.

Nesse processo, que envolve o homem e o Universo, estamos mergulhados numa grande complexidade que tende a buscar de maneira incansável a simplicidade. Assim, é a dinâmica da complexidade harmoniosa que reside na tentativa de superar, ultrapassar as dificuldades para encontrar o repouso da simplicidade.

Tal processo confunde-se com a força que sustenta, a energia que anima e o amor que supera no caminho para a constituição cosmoteândrica da realidade, no dizer de Raimon Panikkar.⁶

4. *Oração de um Velho Guarani do Sul*. In: Barros, Marcelo, p. 111.

5. *Benjamin Gonzales Buelta*. In: Barros, Marcelo, p. 285.

6. Panikkar, Raimon. *Éloge du Simple. Le moine comme archétype universel*. Paris: Albin Michel, 1995.

A busca pelas dimensões transcendentais e pelo Absoluto não é privilégio dos monges e das várias modalidades de vida religiosa. Há que se reconhecer a rica tradição monástica através de milênios no Oriente, passando pelas experiências místicas do budismo, taoísmo e confucionismo. No Ocidente, desde os primeiros séculos do cristianismo, inicialmente de modo individual e posteriormente comunitário, alguns cristãos realizaram de maneira radical a experiência da vida monástica em busca da perfeição evangélica.

Porém, é preciso descobrir o monaquismo sem mosteiro, com a liberdade do Espírito e a pureza do coração pelos caminhos da simplicidade – livres das amarras do passado e de tradições obsoletas.

Existe um monge em cada um de nós que se confunde com a sede, a fome, a atração apaixonada pelos caminhos de Deus. Na verdade, Deus não ama “gaiolas” que aprisionam e, às vezes, sufocam a liberdade do Espírito, pois Ele sopra onde e como quer. Por isso, é importante resgatar as fontes dessa tradição humana, enriquecida e transformada pelos novos caminhos do Evangelho.

No âmago das questões reside o desenvolvimento do *humanum* em busca de Deus, que pode dispor de modelos, os mais variáveis e dinâmicos. Tais modelos são como asas para voar pelos caminhos da liberdade, superando os entraves de tradições ultrapassadas e por vezes desumanas.

Para atingir tais objetivos, não basta procurar uma simples modernização ou realizar uma imitação do passado. O que se exige é a *metanoia*, a conversão da mente e do coração para encontrar os novos caminhos.

Para tanto, é preciso olhar os sinais de nosso tempo e orientar-se para o futuro, tentando decifrar os enigmas da modernidade e fugindo de modelos fugazes e superficiais. O fundamental é reconstruir as verdadeiras tradições, no caso do cristianismo enriquecidas pelos testemunhos e vida de Jesus.

A SEDUÇÃO PELO SAGRADO E A SOCIEDADE PÓS-MODERNA

As últimas décadas da nossa época têm sido marcadas pela desilusão face às utopias e fracassos de muitas esperanças, sobretudo no panorama urbano.

Apesar das forças do materialismo crasso que atinge o mundo moderno, percebe-se um grande fluxo de espiritualismo desenvolvido por grupos esotéricos, crenças ancestrais e doutrinas orientais e ocidentais, envolvendo vários modelos de magia e ocultismo.

Há que se reconhecer, entretanto, as valiosas contribuições dos cientistas. Na oportunidade, vale destacar a obra elaborada por Teilhard Chardin (1881-1955). Ele via a evolução como um processo que se incrementa desde o estágio caótico do Universo até o surgimento da consciência humana no globo terrestre, a qual precede o momento da Noogênese, quando todos os pensamentos irradiados por uma mente humana evoluída constituirão uma tessitura inteligente única. Nesse momento surge um novo estrato no Planeta – a Noosfera.

Para Teilhard, um fio condutor à matéria conduz este mecanismo evolutivo rumo a um centro de convergência: o Ponto Ômega. Todo o Cosmos está abrigado em Deus, pois o Criador e o Universo se ajustam perfeitamente.

Nesse ensejo, é bom lembrar as contribuições de cientistas, mestres da física quântica, como Fritijof Capra, Julius Rober Oppenheimer, Niels Bohr e outros.

A física moderna realizou uma profunda revisão da concepção humana do Universo e de suas relações com o mesmo. O conceito de matéria renovou-se pela física subatômica, diferente da tradicional. O mundo e a vida adquiriram um novo sentido.

“NO ÂMAGO DAS QUESTÕES RESIDE o desenvolvimento do *humanum*, em busca de Deus, que pode dispor de modelos os mais variáveis e dinâmicos. Tais modelos são como asas para voar, pelos caminhos da liberdade, superando os entraves de tradições ultrapassadas e às vezes desumanas.

Para atingir tais objetivos, não se trata de procurar uma simples modernização ou de realizar uma imitação do passado. O que se exige é a *metanoia* – a conversão da mente e do coração para encontrar os novos caminhos.

Para tanto, é preciso olhar os sinais de nosso tempo e orientar-se para o futuro, tentando decifrar os enigmas da modernidade e fugindo de modelos fugazes e superficiais. O fundamental é reconstruir as verdadeiras tradições, no caso do cristianismo, enriquecida pelos testemunhos e vida de Jesus.”

— o autor

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

